

U F U T U R O

2.º ANNO
NUMERO 87

QUARTA FEIRA 13
DE NOVEMBRO DE
1872

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA



14 DE NOVEMBRO DE 1872

Le Roi est mort!

(Nacção de 16 de Novembro de 1866.)

O Rei é morto!

Foi esta nova triste e dolorosa que o telegrapho nos enviou em 14 de novembro de 1866.

O Rei é morto! Palavras eloquentes, que nos fizeram esgotar o calix da amargura!

Tinhamos no exilio contemplado um Rei, que, obrigado pela força de quatro poderosas nações, se retirou para terras estranhas, levando no peito a saudade de seus fieis vassallos. Nas amarguras do exilio, tinhamos admirado sua provada coragem.

Elle soffria como Rei, e nós como vassallos, mas o soffrimento era egual.

Restava-nos uma esperança. Restava-nos essa filha do ceo, que nunca nos abandona nos amargurados transes da vida.

Essa esperança constante, baseada na confiança do poder do Senhor, tinha-se dilatado, quando em 1846, um povo quasi em massa arvorava o estandarte da legitimidade e proclamava o Senhor D. Miguel 1.º

E essa esperança, risonha como a aurora matinal em dia de primavera, doce alimento de nossas almas repassadas de desgosto, ao ver as desgraças que açoitavam a patria de Affonso e João Primeiro, não seria baldada se o Eterno, julgando em Seus altos juisos que as faltas d'esta infeliz nação ainda não estavam expiadas, não permittisse que segunda vez a força estrangeira viesse opprimir-nos com seu jugo de ferro dizendo: Não queremos! Se assim não fôra, o valor dos portuguezes de 1846 seria o dos portuguezes de 1640.

Mas essa esperança radiosa que sempre nos sorria não podia apagar-se no peito de portuguezes leaes.

Só esperavamos que o Eterno se amerciasse de Portugal, d'esta nação Fidelissima, restituindo o Senhor D. Miguel ao throno portuguez, quando o telegrapho nos transmittiu aquellas terribes palavras, que ainda hoje são a fiel traducção de nossa dôr.

O Rei é morto!

Era que o Rei Martyr deixára d'existir!

Era que o veo da morte cobrira sua Augusta fronte!

Era que o tempo devastador deixara de medir as suas horas!

E os portuguezes leaes ajoelharam diante de seu oratorio. Chamaram seus filhos para junto de si e oraram pelo Rei. Depois enxugaram suas lagrimas, doce tributo de sua experimentada lealdade, e alongando a vista para terras affastadas, onde uma singella louza estava levantada para incerrar o cadaver de um Rei d'um povo heroe.

Então nossos paes, apontando para o exilio, disseram-nos:

Vêdes aquella louza?

Vae encerrar o cadaver do Rei em quem estavam personificados nossos solidos principios.

Legou-nos um filho e com Elle a esperança da salvação do nosso bello Portugal.

Amal-O porque ha-de ser vosso rei, e Elle o será porque tem obrigação de o ser.

Será pae de seus vassallos, porque tem obrigação de os amar como filhos.

Será justo, porque viveu na adversidade.

N'aquelle momento solemne, nossos paes firmaram mais o principio de nossas convicções politicas.

Disseram-nos que poucos annos decorreriam antes que um principe que representasse o direito e a justiça estivesse a nosso lado.

Disseram-nos que, se não tivéssemos o valor de guerreiro, não nos faltasse a coragem de heroe.

Hoje que recordamos esse dia, que cobriu de lucto a Real Familia Proscripta e toda a nação portugueza, oremos ao Eterno pelo descanso d'Aquelle por quem ainda hoje desfiemos o pranto.

Na dor acerba que hoje compunge a alma da Real Familia proscripta a acompanhamos, pedindo ao Senhor pelo Rei Martyr, pela nação portugueza e pelo triumpho da causa da legitimidade.

BRAGA 12 DE NOVEMBRO DE 1872

Um novo discurso de S. S. Pio IX.

Ainda no passado numero demos, aos nossos leitores, conhecimento do notavel discurso proferido pelo Augusto Prisioneiro do Vaticano aos Transteverianos, e ja hoje temos o grato prazer de transcrever em nossas columnas, um outro discurso do mesmo Soberano Pontifice, dirigido aos habitantes do bairro Monti, que em numero de 5:000, foram, no dia 27 do mez passado, protestar contra as festas do dia 20 de setembro e 5 de outubro, anniversarios da tomada de Roma e do mentiroso Plebiscito.

Eis o discurso: «O que acabo de ouvir e o que me disseram no dia 13 do corrente os habitantes do Trantibre faz-me conhecer que o carinho que vos mostraram alguns periodistas de certos diarios, foi improvisado unicamente para escreverem sobre elle um artigo que fosse lido em todo o mundo. Mas eis que este carinho se desmascara por factos tao eloquentes como o que se verificou no dia 13 de outubro e o que hoje tem lugar. Se era verdade que os sentimentos dos habitantes d'esses bairros eram unanimes, vos vos encarregaria de demonstrar atq' que ponto chega esta unanimidade, isto e, o affecto e apego ao Vigario de Jesus Christo. Em quanto aquelles que tem sido induzidos ao erro, que o comprehendam, que acordem do seu sonho, do mesmo modo que a menina resuscitada por Jesus Christo, segundo nos diz o Evangelho. Oh! se todos escutassem a voz de Deus como vos, prontamente sabriam do lethargo em que jazem.

«Vede o que nos diz o Evangelho d'esta manha: Um pae de familia, que era um dos chefes da Sinagoga, havendo perdido uma de suas filhas, foi procurar Jesus cheio de fe e confiança. Chegando que foi ante elle, prostrou-se a seus pes e disse-lhe com os olhos arrasados de lagrimas: «Senhor, minha filha acaba de morrer.» Filia mea modo defuncta est, veni et impone manus super eam. Jesus Christo enternecido e satisfeito com tao grande fe seguiu o pae da familia a sua casa, onde se estavam preparando para en-duzirem a defuncta para a sepultura, en-contrando ja ate a turbam tumultuantem Nosso Senhor despediu-os dizendo-lhes: «Retiraes-vos, esta menina não está morta.» E ao ouvir estas palavras a multidão de phariseos, prorrompeu em gargalhadas. Hoje a multidão se turbam tumultuantem mais sagradas, e ate aos ministros de Deus posto que animadis homo non percipit ea quae sunt spiritus Dei. Quanto desgraçados vivem como os brutos, desconhecendo o que procede do espirito de Deus! Devemos rogar por elles, a fim de que resuscitem do estado de morte em que se encontram! Ego dormivi, et resurrexi et Dominus suscepit me; dormivi et soporatus sum, Dominus autem suscepit me.

«Roguemos para que reconheçam o estado em que se acham e resuscitem para uma nova vida. Muitos acordarão ao chamado de Deus; desgraçados dos que deixem endurecer os seus corações, porque a colera de Deus os castigará terrivelmente! Sei que muitos dizem que o maior acontecimento da epocha e a destruição do poder temporal; vangloriando-se de estarem em Roma e afirmando que n'ella continuarão. Desgraçadamente e certo que se acham em Roma; mas d'isto a dizerem que continuarão n'ella ha grande distancia. As provas a que Deus nos submete actualmente, não haõ de ser eternas. O meu proposito não e fallar-vos do poder temporal, mas de outro poder mais importante; do poder espirital. Contra este poder dirigem hoje os impios todos os seus esforços; mas a sua tarefa e trabalhosa, e não conseguirão destrui-lo porque e indestructivel.

«Manifesta-se em todos os seus actos o seu criminoso projecto. Favorecem a propagação do mal, enquanto o peccado corre por todas as partes; expõem as virgens esposas de Jesus Christo a toda a especie de perigos, arrebatando-lhes os seus conventos, sob pretexto de fazerem d'elles um lyceu, um hospital ou um collegio militar. Que genero de escandalos e que se não vê hoje n'esta Roma, capital do mundo catholico? Vê-se chegar a Roma um homem que nega a divindade de Jesus Christo, e os diarios chamam-lhe o homem illustre a honra da patria. Dois incredulos, filhos n'outro tempo do mesmo seminario, encontram-se n'esta capital, e apertam a mão em confirmação da sua incredulidade.

«Todos estes factos conspiram para a destruição do poder espirital; mas repito-o, elle e indestructivel. Devemos pois compadecer-nos dos que se enpregam em obra tao impia, e encomendal-os a Deus. «Vede o que se passa no mundo catholico; as perigrações que se organisam para pedir a Deus a sua protecção a favor da Igreja, os supplicas que de todas as partes se elevam para o Throno do Todo Poderoso, as instituições que se fundam para conduzir os povos pelo cami-

nho do bem e acudir ás necessidades presentes.

«Vede o Episcopado defendendo os direitos da Religião. «Saibamos esperar; o dia do Senhor ha de vir. Mas dir-me-heis: estamos hoje sicut super flumina Babylonis. Nem por isso devimos ter menos confiança em Deus. Elle saberá recompensar a nossa constancia e firmeza no meio de tantas dores concedendo as suas misericordias em nosso favor. Roguemus a Deus para que nos conceda esta constancia para podermos resistir á impiedade que nos cerca.

«Meus Deus! Amparae o vosso Vigario e dae-lhe valor. Abençoe este povo que me cerca, e que a vossa benção alcance a todo o mundo catholico. Que Deus vos abençoe e vos communique a força e o valor de chegar com esta benção ao termo da vossa vida. Que Deus Pae vos abençoe e communique o dom da força: que Deus Filho vos abençoe e dê a perseverança; que Deus Espirito Santo, finalmente vos abençoe e conceda as suas luzes, para que possaes alcançar a vida eterna.

«Benedictio, etc.»

redacção do «Futuro»

Londres, 26 d'outubro de 1872.

Abrindo, agora mesmo, o «Weekly Register» d'esta data, encontro o seguinte artigo do redactor, sobre a nobre carta de Henrique V, a M. de la Rochette, representante do Loire Inferior na Assembleia Nacional Franceza, e vou copial-o sem mais detença para o «Futuro». Eis aqui a fiel traducção:

O CONDE DE CHAMBORD.

«E' impossivel o ler-se a carta que acaba de ser publicada, e foi dirigida em 13 d'este mez a M. de la Rochette, sem um sentimento do mais alto respeito por seu illustre auctor. E' cheia de dignidade e de expressão, nem sobre seu disgnio pôde haver equivoço. Reprehende o Principe vigorosamente aquelles monarchistas apostatas, que umas vezes se vêem ameaçando arrogantes a M. Thiers, outras arrastando-se-lhe aos pes; e acatellam os seus amigos para que lavem as mãos de toda republica, ou se alcunhe conservadora ou abertamente socialista.

«A republica (diz elle, e diz bem) desasocega os interesses assim como as consciencias. Não pôde ser mais que um arranjo provisório por mais ou menos tempo, e a monarchia pode dar verdadeira liberdade, e não precisa dizer-se conservadora para reasssegurar um povo honesto. Combatamos incessantemente (continua o Principe) contra a infidelidade de uns, e a tímida aquiescencia de outros. «A politica de ficção e de falsidades opponhamos sempre e em toda a parte, politica franca e sem disfarces.

«Como em tudo, a França e catholica e monarchica, a nós pertence o acatellal-a contra os erros, mostrar-lhe os escolhos, e dirigil-a ao porto. Confio (acrescenta) que jámais falhei n'esse dever sagrado, e ninguém poderá jámais desviar-me do meu caminho. O dia do triumpho e ainda um dos segredos de Deus, mas confio na missão da França. «A Europa tem precisão d'ella, o Papado tem precisão d'ella, e por isso a antiga nação christã não pôde percer.»

«Ha uma grandeza de pensamento, uma sublimidade de sentir n'estas poucas sentenças, que devem ganhar ao herdeiro dos Bourbons; a admiração de todo homem honesto. Como simples cousa sabida, o latitudinario «Jornal dos Debates», que, de nossa lembrança, tem navegado com todos os ventos e rumos, ataca o Principe, a quem, recebendo peitas Orleansistas ajudou, não sem effeito, a privar de seu throno hereditario. N'este momento faz conta ao «Jornal dos Debates» estar com o sr. Thiers e com a sua republica; e portanto, insulta o «Pertendente», que honradamente acatella a França de não se fiar n'uma republica para guarda no paz de liberdade e de ordem. E' comtudo, mui possivel, e até nem deixa de ser provavel, que em occasião futura onçamos o mesmo «Debates» gritar em suas vozes «Vive Henri V.»

Uma das provas, com effeito, da infame perversidade dos modernos revolucionarios e de seus órgãos na imprensa, e o nenhum escrúpulo com que tratam de infamar como perversos, despoticos, perseguidores, vingativos, cruéis, os principes e soberanos legitimos; ao mesmo tempo que divinizam os seus heroes usurpadores, como Dom Pedro do Brazil, e Victor Manoel do Piemonte! Assim tratou Henrique V quasi de imbecil, quando os que o conhecem pessoalmente e com elle conversaram—honra de que eu proprio muito me preso.—lhe reconhechem alta intelligencia, grande e vasta instrucção, vistas as mais elevadas e nobres, um verdadeiro caracter de Rei—e Rei de França christianissimo, como Fidelissimo era o nosso que hoje nascera.

A. R. Saraiva.

Amigos collegas do «Futuro».

(Continuação da carta do n.º 86).

Escritor humilde, mas ufano d'essa doutrina sublime, que respeitai desde a infancia, e que defendo hoje com a ardente dedicação de crente e a fria abnegação de soldado, n'este ambiente, onde se não queimam os negros incensos da lisonja nem para o esqualido abutre da calumnia, eu tenho vivido sem resaiço de odios, sem remorsos de vileza, tentando seguir as passadas gigantes e luminosas de tantos e tao respeitaveis vultos da nobre imprensa legitimista.

A ella, dizem alguns menos atiladamente se attribue uma austeridade durissima e flageladora, que muitas vezes parece recordar o phantasma sanguento de ranços passados.

E eu, que nem os vi, nem os senti nunca, inclinei-me sempre para essa ardencia tribunicia, que não e a expressão calida e indignada da verdade offendida; que não fere os individuos, mas castiga seus crimes politicos; e que não devassa o lar domestico, mas e só ouvida no campo das pelejas doutrinaes e no sanctuario secular da historia.

Porque os crimes, por mais horrosos, e são da vida intima dos individuos, estão fóra do dominio da critica, e tem o olvido caritativo, inteiro e generoso esquecimento ao pronunciar-se esse lugubre e magestoso De-profundis sobre a terra sagrada, que vae cubrir mais um inerte e mudo representante das gerações extintas!

Mas aquelles actos, grandiosos ou vis, uteis ou fataes, que os homens, as familias politicas, as Nações deixaram, como flores ou venenos, na variavel senda da humanidade, pertencem á alçada da censura publica, são da critica historica, que e a opinião dos seculos.

Por isso, quando eu agora aqui lanço á Burguezia a terrivel e immensa responsabilidade de complicitade com o Socialismo e Communismo nos crimes infames, que nos fins do passado seculo e em 1870 asombraram o mundo, bem longe de tentar offender uma classe prestante e respeitavel, uso só do direito, que e conferido a qualquer que investiga a historia, e analisa os factos d'ella á luz da sua razão livre e com o escrúpulo da recta consciencia.

E eu procuro em todas as instituições justas da sociedade, em todos os vultos de homens salientes, de familias politicas, de nações illustres, o motivo providencial, a causa grandiosa de sua existencia, para o bem commum e conquistas gloriosas da civilisação, ao contemplar na serie dos seculos, desde o 9.º, os monumentos colossaes, que a Burguezia tem erguido para felicidade da sociedade e honra propria, não posso deixar de lhe tributar entusiastica homenagem de profunda e grata admiração.

Nesse centro da actividade e da constancia laboriosa resplandeceram fachos intelligentes da intelligencia, genios modelos, talentos esplendidissimos da sciencia e das artes.

Foi ahi, que se completou o destino formidavel do feudalismo, que salvou a liberdade, ameaçada por a tyrannia dos Cesares barbaros, e que fortaleceu as bases da familia christã, coisas estas, que a burguezia auxiliou poderosamente com seu caracter independente e costumes patriarchaes.

Foi ahi, onde principalmente alvoreceu de novo o sereno astro da sciencia administrativa e juridica, velado anteriormente por as sinistras sombras da idade-media; e cujo brilho foi augmentado e accommodado por os legistas á esphera das novas nações da Europa.

Foi ahi que se emprehenderam muitas das mais gloriosas emprezas, que extenderam o dominio das sciencias e das artes no espirito humano e na vida social.

E foi ahi, que nasceu, e se robusteceu, a arte capitalista e financeira, e esse vivido elemento mercantil e industrial, que e talvez hoje a maxima parte das riquezas das nações civilizadas.

E a historia faz-lhe justiça harmoniosissima.

Porque, a par dos heroes da Cruz, que purificaram e fecundaram a terra, e o espirito humano, com o sangue de martyrios innumeraveis, com a luz de santos exemplos e do verbo inspirado, e a par dos generosos athletas da regeneradora e timida espada, que despedaçaram sob os auspicios da Fé religiosa e politica, em imperios os idolos do estúpido e cruel fanatismo, no solo natal os grilhões odiosos do dominio estrangeiro, ella, a historia, ergue em terceiro pedestal os vultos serenos d'aquelles que, com as conquistas pacificas da intelligencia e com o trabalho improbo e honesto, engrandeceram as forças vitaes das nações, e honraram o espirito humano.

Honraram esse espirito, que e a imagem d'Aquella Superior Intelligencia, que o creou, não para o indolente fanatismo das tribus arabes, nem para a ignorancia abjecta dos selvagens, nem para a incuria dos nulos e viciosos membros da sociedade, mas para tomar parte interessante na civi-

lisação, abrindo novos sulcos com o rado luminoso da Fé na senda do progresso, trabalhando nos descobrimentos das riquezas scientificas, das bellezas e utilidade das artes, e devassando para o bem geral os segredos e thesouros da terra e do mar!

Porém estas virtudes e estes serviços importantissimos, que se admiram, não podem ser obstaculo a anathematizar a degeneração, que profanou os destinos e corrompeu a indole da burguezia.

E ella degenerada desceu talvez mais do que se elevou, quando soube occupar seu posto de dever e de honra.

Mas antes de apontarmos seus erros, seus crimes, e de provar a tremenda imputação de cúmplice com os facinorosa de lesa-sociedade, e necessario subir mais alto na escala social, ir procurar a fcaisa primitiva, que ateou o grande incendio moral, que ha tres seculos ennegrece com suas enfumadas e pestilentas chammás a razão humana, e cujo reflexo vivissimo e transumpto fiel nos deu o socialismo de 93, e a Communa de 1870.

E antes de fazermos rapido estudo sobre a marcha retrograda das nações na estrada revolucionaria durante o circulo historico, que engrandeceu a casa Napoleonica com a banditica herança do Terror, e humilhou seu prestigio sinistro sob as minas da Communa triumphante, devemos apresentar o estado das classes, que compõem cada nação, e estudarmos seu caminhar delirante e fatal para este abysmo, em que foram lançados os destinos da sociedade, desvorciada da Igreja.

Até aqui apresentamos dois factos topicos — o nascimento do liberalismo no sanctuario dos claustros e degraus dos thronos, como causa do flagello — e o Congresso de Vienna como causa remota de tardia reacção, hoje só possivel depois de uma guerra religiosa-social, cujos elementos se encontram na Communa, campo unico, onde podem agora soar as blasphemias e as ameaças dos revolucionarios de todas as tres côres.

E não empregamos figura, quando dizemos, que a revolução tem tres côres.

No dia em que a Assembleia hasteava no altar da Patria uma nova bandeira para a França, a sociedade recebeu triplice ameaça n'esse tricolor estandarte.

A Realizaçao Liberal, a Republica democratica e burguezia, a Communa, eis os tres flagelos, que de hãni durante quasi um seculo affligir e humilhar as nações, e que Deus por mão dos homens representava mysteriosamente na bandeira do povo que occupa o coração da Europa, cujo sangue seria envenenado em tres convulsões sociais e politicas, consequencia do monstruoso cataclysmo de 93.

D. José d'Almeida.

(Continúa)

NOTICIAS ESTRANGEIRAS

Os carlistas presos no castello de Santa Catalina de Cadiz dirigiram ao Senhor D. Carlos VII, no dia do seu santo a seguinte felicitação:

«Senhor! Dispostos a embarcar para as Canarias, elevamos hoje á V. M. nossa humilde e leal homenagem. Recebei-a como echo fiel dos corações que pulsam por vós, e atolhei-a como despedida dos que brevemente sulcarão os mares, que haõ-de separal-os do solo em que nasceram.

Por vós e por vossos augustos direitos, por vós e pelo ambiente sacro-santo da religião opprimida, cujo lema se vê no nosso estandarte, que e o estandarte de cem reis—abandonamos seres queridos, luctando como bravos no campo da honra, onde vertemos o nosso sangue. Hoje acatando e bem dizendo os decretos da Providencia, corôamos o nosso sacrificio, esperando o momento de abandonar a península hespanhola.

Como deixaremos d'enviar uma respeitosa saudação ao unico representante da monarchia tradicional, n'estes supremos instantes em que pisamos a terra andaluza?

O Senhor das batalhas que não concede a palma da victoria ás multidões aguerridas, nem á pericia de soberbos capitães, mas sim á fé dos humildes, e a oração dos justos:—o Deus das batalhas, por cujo santo nome morreu um Judas Machabeo, foi derrotado preso e morto um S Luiz de França, e gemé prisioneiro de sacrilegas armas um veneravel Pio IX, permittiu em seus imprescritiveis juizos, que vossos sempre leaes defensores hajam cahido no campo da honra, luctando com desventurada sorte.

Seria acaso, por não termos sido dignos da victoria, que a outros nossos irmãos, prepara o Senhor mercedos louros?

Se assim e, hoje, no dia do vosso santo saabei, que nossos corações para vós vivem por que vivem para Deus e para a Patria cujos principios venerandos escrevestes na vossa bandeira.

Se assim e, engrandecemos a Deus e sejam confundidos os seus inimigos; fujam ante o vosso estandarte, os que odeiam o seu santo nome; sejaes bem vindo a

esta terra de lealdade e fidalguia, hoje victima de miseraveis usurpadores e atheus, que não são nem podem ser filhos da altiva raça hespanhola, raça de christãos e de martyres.

Se assim e, levem as brisas ligeiras o festivo echo da victoria a nossas tristes plagas, e se alegrarão os montes, e se ornarão os valles, e vossos leaes cantarão gloria ao Rei dos reis, e Senhor dos que dominam.

Filhos amantissimos de Nossa Senhora do Pilar, de Cavadonga, de Monserrate, dos Desemparados e da Purissima Conceição, debaixo de cujas bemditas azas, fomos emballados na infancia, e sob cuja mão protectora dormimos o sono infantil, assim o esperamos da Virgem Mãe de Deus no proprio dia, hoje festa do santo do vosso nome.

Taes são os sentimentos d'estes vossos defensores.

Prostramo-nos, senhor aos reaes pes de V. M.

(Se uem-se as assignaturas).

Le-se na «Esperanza» de Madrid de 9 do corrente:

Circulam magnificas noticias da Catalunha. Os soldados amadeistas não querem bater-se, porque trazem o armamento destruido, tem poucas munições, não tem calçado, nem capotes, e não podem viver senão das extorsões que fazem nos povos, como confessam os seus proprios jornaes mesmo a propria «Gaceta».

Saballs e Castells, e os mais chefes carlistas, cujas tropas perfeitamente armadas, municionadas e uniformadas, pagam quanto consomem, buscam e assediam as columnas amadeistas.

Diz uma carta d'um official da divisão Andia, que havemos visto, que o general recioso e desconfiado, apenas se encontra com os carlistas se pronuncia em retirada cobrindo-a com tiros de artilheria que fazem mais estrondo que damno.

Por diferentes canaes se confirma a noticia que começou a circular hontem de ter destruido Saballs a columna de Cabrinetti. Acrescentavam alguns, se bem que careça de confirmação, que parte do batalhão de caçadores de Bejar se havia passado para o general Saballs.

O estado da Catalunha começou já a inquietar o governo e os ministeriaes, e se havemos de ter em conta o espirito que predomina nas altas regiões parece-nos que se vae começar uma guerra sem quartel.

O governo resolveu enviar á Catalunha o general Gamundi, o heroe de Gracia.

Alguns dos que mais tem combatido Baldrich, creem que será peor a emenda que o soneto.

Le-se no «Diario Espanhol»: «Crescemos temores de que d'um momento a outro vae alterar-se a ordem publica; porque os republicanos, desobedecendo ao directorio preparam uma formidavel insurreiçao contra a situação e contra a monarchia.

Os maiores trabalhos fazem-se na Andaluzia; e particularmente na provincia de Cadiz, aproveitando a occasião do recrutamento, e o rumor surdo que trabalha o arsenal da Carraca.

Os internacionalistas de S. Fernando tambem se preparam para a revolta.

Diz a «Correspondencia»: «Hontem á noite continuavam interceptadas as linhas telegraphicas da Catalunha. Os carlistas para interceptarem a linha telegraphica a Barcelona ataram os fios a uma machina e levantaram todos os postes em uma extensão de 6 kilometros.

As facções de Miret e Gui bateram-se no dia 7 por espaço d'uma hora com as tropas do governo, sem resultado importante.

Da «Convicção» de Barcelona de 8: D. Juan Castells, depois de ter estado em Martorell, tomou uma machina do trem de mercadorias, e com os wagons que estavam n'aquella povoação em deposito, dirigiu-se com elles para Villafranca. Dizem-nos que hontem de manha á 1.ª hora saiu uma brigada de trabalhadores para concertar os destroços da linha, porém pouco poderam fazer por encontrarem uma machina atarayessada na ponte de Gelida. De ordem da auctoridade superior militar retiraram as tropas da provincia de Gerona para a de Tarragona.

Hontem ao meio dia alarmou-se muito a gente ao ver sair pela Rambla a todo galope uma secção de caçadores a cavallo d'espada desembainhada; e se disse que por se haverem apresentado alguns carlistas para a parte de Sarria.

A ultima hora dizia-se que estavam proximos a chegar a esta cidade 6 batalhões dos que operam na provincia de Gerona.

Escrevem da provincia de Lerida que o movimento carlista vae augmentando consideravelmente.

Diz-se que pela parte de Liera uma porção de carlistas ao mando de Guiu sustentava um vivissimo fogo com uma das columnas que saíram anti-hontem d'esta cidade de Barcelona.

Tornam a estar impedidas as communicações com a França; na linha de

Zaragoza ha destróços; e para a parte de Rajadell se apresentaram alguns carlistas armados para impedirem a passagem dos trens.

Diz a «Lealdad»: «Saiu hontem d'esta capital, de Barcelona, 1 esquadrão drão de cavallaria a toda a brida, por causa dos rumores que circularam de que se aproximava uma grossa partida carlista. Também saíram hontem numerosas forças com direcção a Martorel e Villafranca»

—Escrevem de Tarragona em 6 de Novembro á «Esperanza»: «Hontem não chegou o trem de Barcelona, e hoje o mesmo, por isso não recebemos correspondencia»

O motivo foi o serem removidos alguns rehos por uma partida carlista; o que deu motivo a crer que se preparava o levantamento d'uma grande partida carlista. Na consciencia de todos está que vão succeder grandes coisas, que devem melhorar de tal sorte a causa carlista, que impossibilite a perseguição aos governos liberais.

Em Avila estão concentrando-se as forças militares da provincia, e o mesmo na capital da mancha em consequencia da grande agitação que se nota n'estas provincias contiguas com as de Madrid; e em Despenhaperras também se concentram forças pelo mesmo motivo

—Diz o «Imparcial» que D. Carlos de Bourbon chegou a Paris para realizar um empréstimo com os legitimistas, segundo uns e para realizar a substituição de Arjona, segundo outros. (Esta segunda parte, é falsa.)

O dia de S. Carlos e a Hispanha.

Lêmos no «Correio da Tarde»:

A Hispanha deu mais um testemunho solemne das suas crenças e do seu amor por D. Carlos. O dia do santo do seu nome foi festejado em toda a Hispanha, por pessoas de todas as classes e jerarchias, da catholica e monarchica Hispanha.

O exercito carlista, esses guerreiros denodados que tem feito a admiração do mundo pela gloriosa campanha sustentada na Catalunha, Navarra, nas provincias Vascongadas, Burgos, Asturias e Mancha; e entre esses homens, os que se não cansam de combater, e os que empunhando as armas só esperam um signal para correr de novo á peleja; e até essas victimas, do engano e da fraude; á quem a tyrannia arrojou para longuissimas paragens, entre soffrimentos insupportaveis; todos no dia de S. Carlos, se dirigiram ao seu Rei, felicitando-o com o mais vivo enthusiasmo, offerecendo-lhe o sangue, que ainda lhes ficou de tantas feridas, que já por elle receberam, prometendo vencer e salvar a Hispanha ou morrer com ella; porque a morte ser-lhe-ha inevitavel, se com elles e por elles senão vencer esta lucta extrema.

Mas não foi só esta acolhida legião de valentes guerreiros que testemunhou a D. Carlos a sua dedicação e o seu amor.

Homens politicos, que trabalharam e trabalham ainda hoje, no campo da legalidade, desafiando á cada passo os erros de governos e auctoridades sem consciencia, dirigiram, como toda a imprensa carlista de Madrid e das provincias, calorosas felicitações nascidas da sua inquebrantavel adheção a D. Carlos VII.

Até das capitães de provincia onde não havia juntas constituidas, partiram felicitações, e entre ellas a de Alicante dirigiu uma a D. Carlos com centenas de assignaturas das pessoas mais consideradas d'aquella cidade!

Até alguns que despeitados, por mesquinhas intrigas affonsinos-montpensieristas, pareciam estar separados da communhão carlista, vieram n'esta solemne conjunctura dar á Hispanha um solemne testemunho, de quaõ pouca influencia possam ter em corações honrados e leaes, as machinações e as intrigas de alguns mal intencionados, e apaixonados inimigos seus, e da sua nobre causa.

De todos esses carlistas não houve um só que não felicitasse o Rei, e temos a satisfação de mencionar entre elles o sr. D. Cruz Ochoa, um dos melhores oradores do parlamento hispanhol e cuja reputação universal, dá uma grande idéa dos grandes dotes que ornem este grande partidario da monarchia tradicional.

A união, o enthusiasmo, a força da Hispanha, catholica-monarchica, a uniformidade dos seus sentimentos, dos seus principios, das suas aspirações, brilharam, talvez como nunca, na reunião que teve lugar em Madrid no dia de S. Carlos, a um banquete, onde mais de noventa convivas, representavam pela sua posição, uma parte importantissima da catholica Hispanha.

Ninguém presidiu a esta reunião; todos quiseram expressar os seus sentimentos, e manifestaram-nos abertamente; trataram-se todas as questões, a de principios, a de pessoas, de proceder, e em todas ellas não se ouviu uma só palavra que não fosse applaudida por todos.

Não será um perfeito milagre, que ho-

je, quando, se pôde dizer, não ha tres pessoas que pensem da mesma fórma, em qualquer questão politica ou social, se encontram noventa e seis carlistas, ricos proprietarios, juriseconsultos notaveis, senadores e deputados, jornalistas, militares de todas as graduações, individuos de todas as profissões, pensem da mesma fórma, queiram o mesmo, todos conformes em amar, servir e obedecer ao mesmo principe e aos mesmos chefes? «Juramos, diziam todos, amor e obediencia ao Rei legitimo e nacional; juramos segui-lo com os seus invictos e cavalheiros capitães, com os Savalls, os Castells, os Polos, Carasas, Velascos, Lizarragas e Valdespinas, até que a Hispanha, na força da sua unidade catholica, e da sua colligação monarchica, reivindique á sua honra, o seu prestigio, a sua felicidade e o seu socego.»

Nessa união perfeita pouco importará a esse nobre partido, todas as colligações interessadas de revolucionarios de todos os systemas; ao lado do Rei e dos seus corajosos chefes, poderão sempre marchar ávante, na gloriosa empreza que encetaram, offerecendo a mesma obediencia, os mesmos sacrificios pelo seu triumpho, e para depois d'este verem restabelecida a causa da religião e do seu legitimo monarcha.

NECROLOGIO

Bonum est confiteri Domino:

PSALMO 91.

Ventura é sempre o trilhar a senda da virtude confiando em Deus; porque no mundo é premio a paz, e no ceu a gloria junto ao throno do Altissimo.

E deste premio, cremol-o piamente está hoje gosando entre os anjos, de quem era em tudo irmã, a exc.^{ma} sr.^a D. Josefa Mafalda da Costa Barata, esposa que foi do exc.^{mo} sr. Fernando de Magalhães Quevedo Cortez Pizarro descendente da muito illustre casa de Boboda e Alfarella, e sogra do exc.^{mo} sr. dr. Antonio Caetano de Mello Sampaio distincto cavalheiro de Traz-os-montes.

Victima resignada, durante o longo periodo de trinta annos, d'uma molestia interna falleceu no dia 1 do corrente mez na sua casa de Goivinhas nos braços da sua estremosa filha a exc.^{ma} sr.^a D. Maria Adelaide Essa de Mello Pizarro.

D'aqui endereçamos o nosso profundo sentimento por tão triste, quaõ afflictivo successo ao nosso presado amigo e a toda a sua exc.^{ma} familia.

Braga 8 de novembro.

M. A. M. G. e J. C. Pereira M.

Oh immatura morte, que a ninguem de quantos vida tem jamais perdóas!

(Camões—Ecloga 2.)

Mais uma alma vou ao vosso seio meu Deus; mais um corpo baixou á terra!

Manoel José de Carvalho ainda hontem, com o genio jovial que lhe era peculiar, sorria á numerosa familia que o cercava, fazendo a ventura e alegria do lar domestico, e já hoje pesa sobre elle a terra humida do tumulo! Meus Deus! como tam rapido se apaga no livro da vida um nome! Onde ha pouco a ventura dispartia os seus beneficios, e chovia os seus dourados sorrisos, senta-se hoje, com semblante tristonho, o pallido e negro anjo do sepulchro. Onde ha pouco havia galas, prazer e esperanza, ha agora luto, lagrimas e desespero.

Semelhante ao furacão que assola e devastá tudo por onde passa, deixando por vestigios ruínas e desolação, assim a implacavel morte, com a sua terrifera foice, ceifa as existencias que nos são mais caras e do mais mister na terra.

Quando os filhos de Manoel José de Carvalho, que em longuissimas plagas adquiriram, com o trabalho probo, a subsistencia para a ultima quadra da vida, ancejavam por vir abraçal-o, arranca-o da terra a mão gelida e potente da morte!

Manoel José de Carvalho contava 55 annos: era negociante que tinha por divisa a honradez; em todos os seus contractos era recto, pontual e escrupuloso. Pertencia ao partido legitimista; mas possuia numerosos amigos no partido liberal, porque as suas convicções não insultavam as convicções do partido contrario. Afferrou á sua causa, sabia fazer-se respeitar e bemquerer por todos que conheciam as nobres qualidades que o illustravam. O affecto da amizade soube elle prodigialisar-o fartamente.

A todos contristou a morte quasi repentina d'este estimado cavalheiro, e acreditadissimo negociante.

Acompanhamos a sua esposa e filhos na sua pungente dor, e ao throno do Altissimo endereçamos as nossas preces pelo eterno repouso de tam bem formada alma.

A terra te seja leve, meu presado amigo. Recebe este ramo de violetas rociadas de lagrimas, que em testemunho da amizade que nos ligava e como ultima dadi-va, te offerece o teu verdadeiro amigo

Braga, 1 de Novembro de 1872.

Felippe Joaquim de Souza.

SECCÃO NOTICIOSA

Exequias. — A' manhã celebrar-se-hão, como temos annunciado, na igreja do hospital de S. Marcos, solemnes exequias pelo eterno descanso do mais amado dos nossos reis, o Senhor D. Miguel 1.^o

Pelas 10 horas da manhã principiará a missa cantada, a instrumental da capella do sr. Luiz Baptista da Silva, seguindo-se o *Libera-me*, cuja musica é composição do distincto professor Manoel João de Paiva

Antes da missa executará a musica uma composição intitulada *Salva* que o sr. Manoel João de Paiva compoz expressamente para ser tocada por occasião das exequias que, pelo mesmo Augusto Monarcha, se celebraram n'esta cidade em 1867.

Convidamos a todos e aos nossos amigos, a assistirem a esta piedosa commemoração.

Fallecimento. — Falleceu hontem mais um legitimista d'antes quebrar que torcer.

Foi o sr. Manoel Antonio da Silva, abastado proprietario que exercera n'esta cidade a vida commercial, dando sempre abundantes provas da sua honradez e muita piedade.

O seu cadaver foi hoje conduzido ao cemiterio, depois de pomposos officios fúnebres no real templo de Santa Cruz.

Aos nossos leitores, pedimos uma oração por sua alma.

Graça. — Foi nomeado conego honorario, por decreto de 17 de outubro, o sr. padre Antonio Francisco Pereira de Almeida Coutinho, actual reitor do seminario de S. Caetano.

Os serviços que este digno sacerdote tem prestado a esta casa de educação são bem sabidos de todos para escusar nossos elogios. Já nos seminarios dos orfãos de Santarem e Coimbra sua Ex.^a deixou provas demasadas de seu esmero pela educação e bem-estar d'aquelles infelizes que na orfanidade encontram um abrigo n'estas casas fundadas pela caridade christã.

Foi uma graça bem merecida e de que era digno este respeitavel ecclesiastico.

Damos-lhe nossos sinceros parabens

Voz do Vaticano. — A Voz do Vaticano, ou Collecção de discursos pronunciados pelo N. SS. Padre o Papa Pio-IX desde o principio da sua prisão até o presente.

Vae sair á luz quanto antes este interessantissimo livro, que, sem duvida agradará a todos os catholicos, pela doutrina do Pontifice Infalivel.

Formará um volume em 8.^o francez, comprehendendo 30 a 35 folhas de 16 paginas cada uma. O seu preço será de 600 a 700 reis, pagos no acto da entrega, e querendo podem receber ás folhas, estas a razão de 20 reis cada uma; e remetidas pelo correio, mais 5 reis de porte, por cada duas folhas.

Recebem-se as assignaturas e correspondencia em Braga, em casa do Editor José Maria Dias da Costa, rua Nova n.^o 3, e na Livraria Catholica, rua do Souto; no Porto, na Livraria Catholica, e na de Jacintho Antonio Pinto da Silva, rua do Almada; Coimbra, na de José Mesquita, rua das Covas; e Lisboa, na Livraria Catholica, e na de Lavado, rua Augusta.

Se fór bem recebida, como é d'esperar, a publicação d'esta obra, o Editor promette desde já aos snrs assignantes e bons catholicos, que a datar de Janeiro do anno seguinte, se publicará todos os mezes um folheto, contendo todos os discursos do SS. Padre, em dia, e tudo o que de Roma tenha interesse religioso. Será no mesmo formato, e pelo preço mais rasoavel. Para esse fim poderão já ir dando os seus nomes.

Almanak ecclesiastico. — Publicou-se o Almanak Ecclesiastico do Rito Romano para 1873, composto pelo Padre João Maria P. A da Gama, discipulo do P.^o Vicente Ferreira, antigo calendarista do arcebispado.

Vende-se por 120 rs. na casa de Manoel J. Vieira da Rocha rua do Souto n.^o 41 e no Campo Novo na casa de Joaquim José de Mello.

Compendios. — Recebemos e agradecemos um exemplar do — Compendio de Geographia Elemental —, e outro de — Agricultura —, dos quaes é auctor o sr. Antonio Francisco Moreira de Sá, distincto professor de Instrucção Primaria em Lis-

boa e redactor do «Boletim do Clero e do Professorado».

O primeiro d'estes livrinhos, conta já tres edições; e o segundo duas. Por aqui se vê a importancia e a acceptação que elles tem obtido do publico.

Noticias de Messin. — Sua Santidade recebeu em audiéncia particular o conego D. José Pelletia de Napoles, promotor d'um subscrição para a reedificação da Igreja parochial de S. João Maior, arruinada ha alguns annos. D. José Pelletia apresentou ao Pontifice quatro magnificas photographias, representando o plano da nova igreja

Não contente com approvar esta obra, e conceder sua benção a todos os que tomaram parte n'ella. Sua Santidade quiz contribuir para a construcção projectada com 50 francos em ouro.

No dia 23 do mez passado, e antes de dar o seu passeio habitual, Sua Santidade, acompanhado de cinco cardeaes, e outros personagens de sua nobre corte recebeu na sala, chamada de Mathilde as homenagens de respeito e adhesão das religiosas intituladas Filhas de Maria, e de suas alumnas, residentes em Frascati.

Uma das alumnas, Maria Santorelli leu uma terna mensagem, e outra das mais jovens, Francisca Stevenson recitou uma bella poesia, depois de cuja leitura, as Filhas de Maria offereceram a Pio IX um ramilhete de camélias, obra das alumnas.

N'uma d'estas flores estava collocada uma somma em ouro, obulo do amor filial d'estas jovens. O Padre Santo, commovido por estes testemunhos de devoção, dirigiu-lhes algumas palavras affectuosas e distribuiu por sua propria mão uma medalha a cada uma das assistentes.

Em seguida deu a todas a sua benção apostolica.

O Papa recebeu em audiéncia particular um bispo americano, cujo nome ignoramos. O illustre prelado apresentou a Sua Santidade em nome dos catholicos da sua diocese a somma de 800 libras esterlinas, a titulo de obulo de amor filial.

Como prova do carinho, que inspira Pio IX aos catholicos das mais distantes regiões, publicamos os dois seguintes factos.

O Padre Santo tem sobre a chaminé do seu quarto tres magnificas photographias, que representam as tres companhias de zuavos pontificios, chegados em diferentes épocas a Roma, do Canadá para a defeza dos Estados da Igreja.

Depois da invasão sacrilega de 1870 estes valorosos campeões da mais nobre das causas, tiveram de voltar á sua patria. Ahi organisaram uma colonia agricola debaixo da direcção de seus antigos capellães; tem dividido o tempo entre o trabalho dos campos, e a oração, esperando o dia, em que correrão de novo junto do Vigario de Jesus Christo.

As citadas photographias foram executadas por um membro da colonia, e remetidas a Sua Santidade por intermedio do Rev. padre Belchet membro da congregação do Espirito Santo.

Esta recordação agradou muito a Pio IX, que ordenou que as photographias fossem collocadas no supracitado logar.

Mas não é esta a unica prova de affecto que o augusto prisioneiro do Vaticano recebeu dos catholicos de longuissimas regiões. Os alumnos do collegio de Nicolet, na diocese dos Tres-Rios no Canadá acabam de enviar a Sua Santidade por intermedio do director do collegio o abbade l'roulx a quantia de 600 francos, somma formada com as recompensas no fim do anno. Por este motivo, o Santo Padre profundamente commovido concedeu uma benção especial para os professores e alumnos do collegio de Nicolet.

Pio IX acaba de dar uma prova e demonstração da sua inexgotavel caridade, remetendo aos inundados de Ferrara a quantia de 6:000 francos.

Diversas idades. — Um jornal estrangeiro traz a idade dos seguintes perseguidos:

- Sua Santidade o Papa Pio IX 79 annos.
- O conde de Chambord 51.
- O Cardeal Antonelli 65.
- Thiers 74.
- O Imperador da Allemanha 74.
- O conde de Moltke 70.
- Voon Ronn 68.
- Bismark 57.
- Lord Russell 80.
- D'Israeli 66.
- Gladstone 63.
- Remusat 74.
- Saint-Marc Girardin 70.
- Dufaure 73.
- Cremieux 73.
- Julio Favre 62.
- O Duque de Nemours 57.
- O Principe de Joinville 53.
- O Duque de Aumale 49.
- O conde de Paris 33.
- Gambetta 32.
- Julio Simon 57.
- Lord Granville 56.
- Luis Blanc 58.

Quanto pôde o sentimento. — Lê-se no «Correio da Tarde»: «Um rapaz de 16 annos vac á caça, mata um passaro, mas cae-lhe em uma pedreira muito pro-

funda. O prazer de mostrar em casa a ave morta por elle, obriga-o a descer com muitas cautellas, porém escorrega, cae, e desmancha uma das pernas. Não pôde dar passo, nem erguer-se do chão, e a noite está proxima.

O cão anda em volta d'elle. Ouve os lamentos do rapaz, lambe-o e desaparece. Volta d'ali a uma hora com o pae do mancebo e dois criados.

Tinha ido a casa e á força de ladrar nivar, de mil outras indicações conseguira que o seguissem, indo adiante a ensinar o caminho até á pedreira.

Quando chegou onde estava o enfermo tornou a lambel-o muito, e saltava alegremente, fazendo caricias a todos, como se lhes agradecesse a salvação do joven caçador. Ao ler este facto n'um jornal estrangeiro exclama o «J. da Noite»: «Cão intelligente!» O Revd.^o Padre Banniot nos seus profundos artigos intitulados «L'animal», explica perfectamente este e outros phenomenos ainda mais admiraveis (Veja «Etudes» de agosto e setembro, etc., sem recorrer á intelligencia.

Uma carta de Piferer. — «O chefe carlista Piferer, morto na acção da Virgem de Coll, antes de entrar na campanha dirigira a sua familia uma carta, da qual tiramos os seguintes trechos:

«Meus filhos! minha consciencia, minha honra e minha fé, obrigam-me a deixar-vos, se bem que com muito sentimento, aliás natural, por vos ver em tão tenra idade.

... Meus filhos! não vos amedrontem as perseguições, não vos intimidem as ameaças, não temaes a morte, mas antes sacrificae gostosos a vida em defeza da Religião, da Patria e do Throno!

E tu, amada esposa, vela pela educação de nossos filhos, corrige-os, faz que sejam verdadeiros christãos, confia em Deus, implora da Sancta Virgem a consolação para tuas amarguras e afflicções, que ella, como Mãe, infinitamente bondosa, estenderá para vós todos sua benfeitoria mão e abençoar-vos-ha.

Tende presentes estas instrucções tolos os dias da vossa vida

Adeus, esposa querida! adeus meus amados filhos! Parto para a nobre campanha, arvorando a bandeira de Deus Patria e Rei. Rogae por mim a Deus, e, se eu morrer, não choreis, pois confio na Sanctissima Virgem que nos tem a todos nós a gloria eterna preparada!»

Calotes reaes. — Lê-se no «Correio da tarde»:

Com a devida venia transcreveremos do «Jornal da noite» o seguinte:

«Diz o «Diario Illustrado» que estão ainda por pagar os musicos que tocaram na Igreja de S. Domingos quando Sua Magestade contrau alli o seu casamento. Acrescenta a mesma folha que esta divida é do governo e não da corôa, e que é vergonha não se ter pago ha dez annos.

«Ha trinta e oito annos deve o governo uns dois contos de reis das obras da camara dos deputados, mandadas fazer pelo duque de Bragança D. Pedro, e executadas sobre a direcção e por conta do sr. Possidonio da Silva, architecto da Casa Real.

«Se a vergonha de tal desleixo deve ser calculada pelo numero dos annos, o caso que referimos, é tres vezes mais vergonhoso que o dos musicos».

O «Jornal da noite» é monarchico constitucional, é dos defensores da Carta e defende tambem os ministros da carta.

Ainda na vespera se congratulára pelo anniversario natalicio do chefe do estado, e já no dia seguinte lhe offerece aquelle mimoso brinde.

Diz-nos pois, aquella folha que temos um calote real commemorativo do consorcio do chefe do Estado, e outro calote tambem real, commemorativo da inauguração da camara dos deputados do sr. D. Pedro.

Ha trinta e oito annos que se devem uns dois contos de reis das obras da camara dos deputados mandadas fazer pelo sr. D. Pedro!

Ha trinta e oito annos!

Que de coisas a que o paiz tem assistido durante estes trinta e oito annos!

As garras do fisco arrancam-lhe o ultimo pedaço de pão e afinal o dinheiro gasta-se, desaparece, some-se e os calotes ficam!

Senhores festeiros da commemoração do dia 24 de julho, não vos esqueçais de commemorar para o anno este calote real, que marca o reinado dos calotes!

Um sapato de Mafoma. — Do «Correio da Tarde»:

«Os crentes do Islam saíram em tropel de Diarbekir com o governador da cidade á frente, para irem tomar um sapato de Mafoma, que todos davam por perdido e appareceu agora. O mufti consagrou-lhe um aposento inteiro em sua casa, e uma gazeta oriental espera que o sultão mandará de proposito uma embarcação para receber a augusta reliquia e leval-a á capital!

Pobres turcos! Em fim acreditam n'uma religião ainda que monstruosa; peiores são os livres pensadores, que se riem de tudo, mas andam a tremer do «casos».

Os olhos dos gatos são o relógio dos Chineses. — E' curiosa a seguinte noticia que nos deparou a leitura de L'Empire Chinois; não sabemos se com ella concordam os naturalistas; os relojoeiros com certeza que não

Um dia que iam visitar algumas familias (christãos) de cultivadores, encontramos, ao pé de uma herdade, um joven chinês que pastava um bufalo ao longo de um carreiro. Perguntamos-lhe ao passar e por demais, se ainda não era meio dia. O rapaz levantou a cabeça, e como o sol estava occulto por espessas nuvens não pôde ler a sua resposta. — O ceo não está claro diz elle, mas espere um instante... A estas palavras dirige-se para a herdade e volta alguns minutos depois, trazendo um gato debaixo do braço. — Não é ainda meio dia, diz elle, aqui tendes vê-de... Dizendo isto, mostrava-nos o olho do gato de que elle affastava as palpebras com as duas mãos. Olhamos primeiro para o rapaz, estava com uma seriedade admiravel; d'ahi o gato que, apesar de espantado e pouco satisfeito da experiencia que se lhe fazia, era todavia de uma complacencia exemplar. — Está bem, dissemos ao rapaz; não é ainda meio dia, obrigado. O joven chiim largou o gato, que foi correndo, e nós continuamos o nosso caminho.

COMMUNICADOS

D'entre a mocidade que cursa os lycæus, seminarios, universidades e collegios de sciencias, é que hão de sair os defensores do throno e do altar; assim como (infelizmente) d'estas granjas das sciencias, nem tudo o que nasce é trigo.

— Todavia, para a mocidade escolar, que se dedica ao sacerdocio, vou-lhe offerecer, nas columnas do catholico e religioso Futuro, uns documentos, que deve professar o que se entrega ás letras, e que encontro no cap. 8.º da Arte Legal do Licenciado Francisco Bermudes de Pedraça, traduzido da lingua Castellhana na Portugueza, por Francisco d'Almeida Jordão, que passo a resumir para não cansar os leitores.

1.º documento. A porta por onde se entra no sanctuario da sabedoria, é o temor de Deus. disse o sabio rei, proverbio 9.º v. 10 — principium sapientiae timor Domini — e o imperador Justiniano, reconhecendo esta verdade, aconselha aos estudantes que, primeiro instrua a alma nas cousas divinas, que a lingua nas humanas.

E S. Boaventura diz, que não ha que fiar da grandeza de engenho, tenacidade de memoria, e estudo perpetuo; pois todos sem Deus, são aves de rapina de curto voo, para dar alcance á garça real da sabedoria.

E Santo Agostinho, escrevendo a outros estudantes, aponta los vicios que mais parentesco tem com a mocidade. — fugi (diz) das cortezas arpias que estudam a alma; não deis ouvidos ás suas conversações; pois, como diz o apóstolo, corrompem os bons costumes. O que foge dos vicios, é valente, e leva a victoria; e o que os commette, é covarde, e fica no campo miseravelmente vencido.

Testemunhos são d'esta fraqueza a sabedoria de Salomão, a fortaleza de Sansão, a santidade de David, que foram os trophæus do torpe vicio da sensualidade.

Fugi tambem do jogo, onde o menos que se perde é o dinheiro, e o mais é a estimacão, a modestia e o tempo. Fugi da gula, má para o corpo, e peor para a alma; por que o demasiado comer, dissipa o calor natural, corta o fio da vida, embotando o engenho, pelo que disse S. Verissimo, que o ventre grosso não cria delgado intendimento.

O 2.º documento — é a eleição de mestres: n'esta consiste fiar o estudante ignorante, ou sciente, em qualquer profissão.

Felipe rei da Macedonia, quando lhe nasceu Alexandre, escreveu d'esta sorte a Aristoteles — dou graças a Deus, não tanto pelo nascimento de meu filho, quanto porque nasce em tua villa; pois, espero que doutrinado por ti, será digno de ser meu filho e successor da minha corôa.

As qualidades, diz Pedro Gregorio, que hade ter o bom mestre — doutrina, mores, et diligencia — doutrina sã, elegante, não enfeitada, nem barbara; nos costumes que sejam bons e exemplares: diligencia em ensinar, e não por cumprimento e cerimonia, como costumam dizer, mas sim com affeição ás letras e aos discipulos, por isso que, a palavra mestre, quer dizer — magister, quia magis quam coeteri diligentiam rebus, quibus praesunt, praestare debent.

O 3.º documento — é a veneração, e o respeito que se deve aos mestres, o qual se comprehende no 4.º mandamento, que toca á honra dos paes; porque, se estes o são do corpo, aquelles o são da alma; Deus a formou, e os mestres a informam.

Alexandre Severo imperador dos romanos, chamava a Ulpiano seu mestre outro paes; e Marco Aurélio, por estatua no Senado a seu mestre Frontino; e os discipulos de Sabino, vendo que seu mestre era pobre, sustentavam-no generosamente, com suas fazendas.

O 4.º documento — é ouvir com boa vontade, a seu mestre. Se amares o ouvir,

serás sabio, é menor o trabalho do estudo. Mais proveitoso é, diz Valerio, ouvir ao que ensina, que aprender pelos livros; porque, é mais vehemente a impressão que faz na alma com a vista e voz viva do mestre, que com o estudo dos livros. O bom ouvinte, diz Platão, hade pôr o animo e o ouvido na voz do mestre, porque com isto se fará douto; diz Tulio, se falla, faz 3 damnos, a si, porque perde o que se lê ao companheiro a quem inquieta; e ao mestre, porque lhe não guarda o respeito do silencio.

Isto foi tão molesto a Santo Agostinho, que não podendo soffrer as travessuras dos estudantes de Conthorgo, foi para Roma, por saber que eram os seus estudantes mais modestos.

O 5.º documento — é perguntar ao mestre se acaso se lhe offerece alguma duvida, depois de ter ouvido a lição; porque de prudentes é o perguntar e os que são nescios, que pelo não parecerem não perguntam, estão condemnados a perpetua ignorancia. Diz o Consulto — arguindo, se exercita, alimenta, e se faz mais firme a memoria, a lingua mais expedita, e o engenho mais agudo.

O 6.º documento — é dar-se ao estudo: então diz Seneca — se dá um todo ao estudo quando, desprezando todas as cousas que são fóra d'elle, se occupa só em estudar; porque o estudo é um recolhimento do pensamento, para descobrir o que está occulto e implicito ao intendimento, ou esquadriñar o que está escondido.

Porém se o intendimento anda vagando por varias cousas, sempre será ignorante e não perceberá o que se dictar.

Conselho é de Job cap. 5, quando disse: o que ouvires repassa-o pelo intendimento, porque o saber, disse Tulio, não é outra cousa que ter memoria; e estudando, melhor a tem, de donde nasceu o adagio — memoria escolendo angetur.

O 7.º documento — é ler continuamente. Diz Jesuê: não se aparte, da tua bocca o volume das leis, porque com a continua lição se acha a preciosa margarita da sabedoria; e d'aqui nasceu o adagio — nocte, die que leges sivas ad discere leges.

Porque a lição, diz Damasceno, é como o mantimento de cada dia, que alimenta o corpo, e esquelle o intendimento.

O 8.º documento é de Seneca — escrever o mais notavel do que se lê, que for digno de memoria. E' a memoria do homem debil e fraca; e esta debilidade e fraqueza, se hade supprir, e robustecer com a penna na mão.

O 9.º documento — é a escolha da hora. Acursio, disse que de manhã, porque segundo S. Jeronymo, com o descanso da noite, se restitue a força do corpo, e a alma está mais bem disposta.

E a hora mais propria, uma ou duas antes de nascer o sol, a quem os astrologos dão borla de mestre de todas as sciencias, de d'onde nasceu o adagio — Aurora gratissima musis — pelo que disse Virgilio que, a melhor parte do dia, era a da manhã — nunc a deo melior quoniam pare acta diei.

E o juris consulto Paulo: que a maior parte do dia eram as 7 horas da manhã, as quaes gastavam os romanos nos negocios graves.

Não se hade estudar depois de comer; porque dizem os consultos que, então o estudo dá-nos a digestão, extingue o engenho e offende a saude.

O 10.º e ultimo documento, é o cuidado do ornato corporal, que hade ser bom, e honesto: por quanto o ornato dá authoridade á pessoa e ao que esta profere.

Não se hade seguir a louçania de alguns, que põem todo o seu cuidado no custoso ornato do corpo, porque d'isso se seguem dous damnos, um da fazenda, e outro que é maior o da alma, porque se uiana e ensoberbece.

O mais nobre estudante se pôde honrar com um vestido de panno negro fino, que é o melhor habito, por sua materia, por sua antiguidade e por sua cor: por sua antiguidade, porque de lá foi o primeiro vestido de nossos primeiros paes; por sua materia, porque a lá foi o precioso cabedal de todos os seculos; por sua cor, porque entre as cores as mais nobres, são o preto e o branco por serem naturaes; e o preto mais nobre que o branco, por se não poder confundir com outra cor; pois, sobre o negro não ha tintura, assim como cor tão nobre se usa mais entre os nobres.

Concluio com o que diz um antiquario, que para um ser bom estudante, havia de ter tres qualidades — bolça d'ouro para os grandes gastos, e muitos livros; cabeça de ferro para o continuo trabalho; e assento de chumbo nas escholas, isto é, não gazear nem ter cegueiras, Basta.

Se achas muito não me foi possível ser mais resumido. Para outra vez será menos, conforme, se não for mais, e vos não faltará a paciencia para aturar este velho importuno, mas amigo da mocidade escolar.

31 d'outubro de 1872.

O minimo dos pregadores.

EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes em divida pedimos o obsequio de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, com a possivel brevidade. O atraso em que muitos estam tem-nos causado damnos bastante graves e é por isso que fazemos este pedido.

Estão authorisados para receber o importe das assignaturas os seguintes correspondentes:

Em Lisboa, o exm.º snr. J. A. no escriptorio do jornal a Nação, na rua do Bem Formoso.

Em Cimbra, o exm.º snr. Anselmo Maria Urbano de Sampaio, rua dos Militares.

No Porto, o ill.º sr. José Carlos das Neves, rua das Flores.

Na Covilhã, o illm.º snr. Luiz Antonio de Carvalho.

Em Lamego, o illm.º snr. José Cardoso, com loja de livros na rua de S. Francisco.

Aos snrs. assignantes d'outras terras onde não temos correspondentes, pedimos o favor de nos remetterem o importe de suas assignaturas em sellos de 25 reis, ou em valles do correio ao administrador d'este jornal o snr. Joaquim José Vieira da Rocha, rua do Souto n.º 41.

AGRADECIMENTO

José da Silva Merelim e sua mulher Maria da Silva Souza Oliveira e seu thio o rev.º Prior João Pereira da Silva, e Maria da Conceição, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram e lhe prestaram serviços por occasião do fallecimento de seu sogro, pae e irmão, Nicolau José da Silva Braga, que teve logar no dia 28 do corrente; a todos lavram um protesto de gratidão indelevel. (84)

João Baptista da Silva Ramos, sua esposa e filhas, penhoradissimos por tantos favores recebidos, por occasião do fallecimento de seu querido filho e irmão Aurelio Maria Campos da Silva Ramos, na cidade de Braga, e não podendo, pela distancia que os separa d'esta nobre cidade, agradecer tão assignalados obsequios, vem por este meio patentear o seu vivo reconhecimento, não só aos Rvd.ºs Snrs. Sacerdotes, que tão generosamente se prestaram a suffragar a alma de seu querido Filho e irmão, como tambem á illustre redacção do Futuro por os honrar com os seus pezames; e d'uma maneira especial, á generosa classe escolastica pelas inequivocas provas d'amor com que honrou os restos mortaes do seu condiscipulo e amigo; cujos servicos e provas de sympathia só esquecerão com a memoria de seu caro filho e irmão.

Mondim de Basto 26 d'outubro de 1872.

Antonio Maria Guilherme da Silva Ramos, seu filho Luiz Maria da Silva Ramos, e Antonio Joaquim Manso, profundamente reconhecidos para com os ill.ºs e ex.ºs snrs. que se dignaram cumprimental-os por occasião da sentida morte de seu muito presado sobrinho e primo Aurelio Maria Campos da S. Ramos, e não podendo como tanto desejavam, agradecer-lhes pessoalmente, o fazem por este meio. Especialmente agradecem aos dignissimos ecclesiasticos os seus valiosos servicos prestados á alma de seu chorado sobrinho e primo, e a todos protestam eterna gratidão.

Antonia Maria Marques de Carvalho e suas filhas e filhos ausentes, agradecem por este meio, por não o poderem fazer pessoalmente, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu prezado marido e pae, Manoel José de Carvalho, bem assim a todos os ill.ºs snrs. que assistiram ao officio de sepultura que teve logar na real capella de Santa Cruz no dia 23 de Outubro, e a todos protestam sua eterna gratidão. (85)

ANNUNCIOS

Arrematação voluntaria de fóros

No dia 17 do corrente mez de novembro pela 10 horas da manhã á porta do tribunal judicial, largo do Paço d'esta ci-

dade, se tem de proceder a requerimento de D. Maria Henriqueta Julia de Souza Quevedo Pizarro, viuva do bacharel Antonio Bernardo de Sá Sotto-Maior, d'esta mesma cidade, á arrematação voluntaria dos foros seguintes:

O fóro de 483.119 (30 rasas) de milho e 161.190 (10 rasas) de centeo, imposto nos campos das Searas, pertencas da quinta do Assento na freguezia de Gondalves, possuidos por Francisco Fernandes (do Quintero) da mesma freguezia.

Dito de 2 galinhas, ou 480 reis por ellas, imposto em um pedaço de monte, na Esperança, da mesma freguezia; possuido por Custodio Monteiro, da mesma.

Dito de 241.785 (15 rasas) de meado e 2 galinhas, com abatimento da decima, imposto no campo chamado do Ripado, na mesma freguezia, possuido por Antonio José da Costa Rebello, d'esta cidade.

Dito de 322.380 (20 rasas) de centeo, 483.570 (30 rasas) de milho alvo e 4 galinhas, imposto no casal de Fontainhas na mesma freguezia de Gondalves, possuido por Domingos Manoel de Mello Freire Barata, d'esta mesma cidade.

Dito de 483.570 (30 alqueires) de pão terçado, e 4 galinhas, imposto no campo do Casal sito na mesma freguezia, possuido por Francisco Peixoto da mesma.

Dito de 561.165 (35 rasas) de milho e 500 reis em dinheiro, imposto no campo da Lamella, no logar do Casal, da mesma freguezia, possuido pelo mesmo Francisco Peixoto.

Dito de 596.408 (37 alqueires) de milho, 16.119 (1 alqueire) feijão rajado e 2 frangos, imposto no campo chamado do Patrimonio, sito na freguezia de Gondalves, possuido por Antonio Ferreira, hoje Ursula, da mesma freguezia.

Dito de 725.335 (45 alqueires) de pão meado, 6 galinhas, 1 frango e 1 duzia de copas de palha painça, imposto no Casal chamado d'Araujo na freguezia de Turiz concelho de Villa Verde, cujo casal se acha dividido por varios consortes, e paga como cabeça Custodio Pereira Indio, da mesma freguezia e concelho.

Dito de 886.545 (55 alqueires) de milho, e 80.595 (5 ditos) de centeo, imposto em uma propriedade em Villa Fresca concelho de Barcellos, que possui Antonio José Gonçalves Monteiro da mesma freguezia.

Dito de 322.380 (20 alqueires) de pão meado, imposto em propriedades situadas na freguezia de Martim, possuidas por Manoel José d'Araujo, da mesma freguezia.

Dito de 16.119 (1 rasa) de pão meado, imposto em terras na freguezia de Martim, que hoje possui Thadeu Luiz da Silva, da mesma freguezia.

Dito de 322.380 (20 alqueires) de pão meado, imposto em terras na freguezia de S. Julião de Passos, que possui Manoel Martins Ferreira da mesma freguezia.

Dito de 213.576 de meado (13 1/2 de alqueire) que paga João Baptista Gomes, do logar da Granja, freguezia de Sant'Anna de Vimieiro, imposto em terras que o mesmo possui.

Todos estes foros pertencem á annunciante por lhe terem sido encabeçados na partilha a que se procedeu e operou no inventario por obito do dito seu marido o qual foi processado pelo cartorio do escrivão Fortuna, por onde tem de se effectuar a presente arrematacão. (86)

LIVRARIA CATHOLICA

39 Rua do Souto 39

BRAGA

Tem á venda

- Almanak do Bom Catholico p.º 1873 100 rs.
Almanak da Familia Catholica 40 »
Acafate Eucharistico ou o mez de Junho consagrado ao S. S. Sacramento 240 »
Entretimento do coração devoto com o S. S. Coração de Jesus 200 »
Methodo de conversar com Deus, por Mez Thereziano, ou o mez d'Outubro 120 »
Mez das almas do Purgatorio 240 »
Martyr do Golgotha, 2 vol. broch 1200 »
Novena do Nascimento do Menino 120 »
Novena da Immaculada Conceição 100 »
Novena de S. Sebastião 600 »
O novo mez de Março homenagem a S. José 240 »
Thezouro Místico, pelo P.º missionario João Manoel de Souza Teixeira 240 »
Além d'outras muitas obras piás e litterarias, tem uma linda e variada galeria de registos e estampas portuguezas, francezas e allemãs, que vende por preços muito commodos.
Entretimentos do Coração Devoto com o SS. Coração de Jesus.
Composto pelo Padre Theodoro d'Almeida.
Vende-se por 200 rs. nas Livrarias Catholicas do Porto e Braga.

OBRAS DE MOREIRA DE SA

Necessarias aos snrs. professores que tem de fazer exame, nas proximas epochas, segundo a nova lei de 30 de outubro de 1869.

Compendio elementar d'Agricultura—Para uso das aulas primarias, 2.ª edição, preço 160 reis.

Compendio de Geographia elementar—3.ª edição, preço 160 reis.

Compendio de Pedagogia—Para os exames dos candidatos ao magisterio. Preço 200 reis.

Compendio de Chorographia portugueza—6.ª edição, preço 200 reis, ornado do Mapa de Portugal.

Compendio de Historia Elementar—3.ª edição, approvada, preço 120 reis.

Compendio de Historia Nacional—approvado com louvor e muito adoptado nas aulas, preço 100 reis.

Compendio de Systema metrico decimal—9.ª edição, preço 60 reis

Compendio de Doutrina Christã—6.ª edição, preço 40 reis. Vendem-se em Braga e no Porto. (83)

Thezouro Mystico, pelo padre missionario João Manoel de Souza Teixeira. Vende-se na Livraria Catholica por 240.

PORTUGAL DESDE 1828 a 1834

(obra historica)

POR

Francisco A. da Cunha Pina Manique

Está á venda em Lisboa na Livraria Lavado, rua Augusta 95, e na loja de papel do snr. Silva, rua Nova do Almada n.º 68. Preço 600 reis.

REPERTORIO

REI DOS REPERTORIOS

Saiu á luz para 1873.

Preço 40 rs.

Remette-se pelo correio sem augmento de preço.

Faz-se abatimento no preço a quem comprar maior numero de exemplares devendo para esse fim dirigirem-se ao editor Jacinto Antonio Pinto da Silva, rua do Almada n.º 136, no Porto.

Desenganos do Liberalismo,

Por J. L. d'Araujo e Silva—augmentada com uma dissertação sobre a questão portugueza por Gama de Castro.

A venda na Livraria Catholica d'esta cidade por 120 rs.

O producto d'esta obra revertêrta em favor da Augusta Familia do Senhor D. Miguel de Bragança.

LIVROS PARA AULAS

Na Livraria Catholica encontram-se todos os livros adoptados este anno no Lyceu nacional d'esta cidade que vende por preços commodos.

Photographia do Senhor D. Carlos VII e sua esposa a Senhora D. Margarida.

Vende-se na Livraria Catholica por 160 reis cada uma. Estes retratos são vindos directamente de Madrid, e tornam-se recommendaveis por serem os mais fiéis que até hoje tem apparecido.

Chronologia sagrada ou As setecidades do mundo, por João Manoel Fernandes de Magalhães. Vende-se na Livraria Catholica por 100 rs.

Corographia portugueza, pelo P.º Antonio Carvalho da Costa, segunda edição. Vende-se n'esta cidade na Livraria Catholica, e na casa do editor, Manoel Joaquim de Castro Loureiro.

BEADOS D'ALMA

Collecção de diversos escriptos sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura POR

CUSTODIO VELLOSO

Preço..... 500 reis. (Pagos no acto da entrega)

Assigna-se na redacção d'este jornal.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.